**COTEJANDO TEXTOS EM PERSPECTIVA DIALÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUAS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA**

Wanderleya Magna Alves

Aluna de Pós-Graduação

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

leyevandro@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o ensino do texto nas aulas de línguas do ensino fundamental, bem como sugerir a metodologia do cotejo de textos como caminho metodológico para se pensar o trabalho com os textos/enunciados em sala de aula, neste caso, em turmas de 9º ano. Assim como Bessa et al. (2017), pensamos a ideia do cotejo como “possibilidade metodológica” para o trabalho no ensino de línguas, tendo em vista que esta proposta objetiva a compreensão profunda das relações de sentido dos textos/enunciados que lemos e/ou produzimos. Nesse sentido, os gêneros discursivos são o objeto central dessa proposta, a partir dos quais pode-se explorar as múltiplas dimensões que constituem os dizeres. Assim sendo, para esta metodologia toma-se como ponto de partida gêneros distintos sobre um mesmo tema, objetivando suscitar, nos estudantes, os posicionamentos valorativos que constituem suas consciências ideológicas e as de outrem, a fim de promover a produção de sentidos, para além das formas. Nosso olhar, portanto, vê na metodologia do cotejo a rica possibilidade de colocarmos consciências em confronto, em tensão, assumindo pontos de vista diversos em relações de sentido em que os sujeitos podem se alterar, e, por sua vez, participar de forma mais competente e efetiva das práticas discursivas em nossa sociedade. Dessa forma, utilizamo-nos de pressupostos do Círculo de Bakhtin e de estudiosos que discutem sobre as ideias do pensamento bakhtiniano relacionando-as ao ensino, principalmente o trabalho de Bessa et al. (2017), que serve como parâmetro para elaboração de nossa proposta.

**Palavras-chave**: Cotejo. Ensino do texto. Gêneros discursivos. Língua inglesa.

**1 Introdução**

A prática de um ensino de línguas interativo, há duas décadas no Brasil, tem sido, com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, um desafio à ação docente. Contudo, apesar dos esforços de pesquisadores da área dos estudos da linguagem, vivenciar efetivamente a dinâmica das práticas de comunicação no ambiente de sala de aula de línguas ainda parece ser um desafio a ser alcançado, tendo em vista que encontramos ainda muitas propostas de ensino de línguas limitadas a um tipo de comunicação defendida em primórdios da década de 1980[[1]](#footnote-2), bem como um ensino voltado quase que praticamente para estruturas gramaticais.

Diante desse cenário, dialogamos com perspectivas dos estudos da linguagem que concebem o uso da língua sempre de maneira interessada e direcionada a um determinado auditório social, e nas mais diversas esferas da atividade humana, conforme concebe o pensamento do Círculo de Bakhtin.

Assim, considerando a natureza sócio-histórica, a endereçabilidade e o caráter sempre interessado dos enunciados, propomos um ensino de línguas que proporcione aos alunos e alunas se engajarem efetivamente na comunicação, na língua em estudo, perseguindo o que Bessa et al. (2017) chama de *compreensão profunda* dos fatos, dos acontecimentos da vida.

Esta *compreensão profunda*, segundo Geraldi (2012), pode ser alcançada por meio do *cotejo* de textos, possibilidade metodológica abstraída de obras do Círculo de Bakhtin, que oferecem ao pesquisador oportunidades de confrontar diálogos, consciências, posto que seu caráter é dialógico, como bem descreve Andreis (2017).

O que está implicado no pensamento que subjaz a essa proposta atravessa nossa compreensão sobre o valor histórico-social-ideológico da língua/linguagem e, por conseguinte, daqueles que a usam. É nesse sentido que evidenciamos o *diálogo*,não somente aquele face-a-face, mas também os diálogos travados nas mais diversas esferas da atividade humana como forma de interação significativa, tanto nas relações sociais que se dão no exterior da sala de aula, quanto dentro desta, uma vez que o ambiente de sala de aula é constituído por seres históricos, sociais e ideológicos.

É partindo desse lugar, da preocupação com a formação dos sujeitos participantes dessa esfera da atividade humana que, assim como Bessa et al. (2017), utilizamo-nos da proposta do cotejo como proposta metodológica para se pensar a construção de sentidos em sala de aula. Dessa forma, comungando com a ideia de que “a compreensão criadora continua a criação” (BAKHTIN, 2003, p. 378), nosso foco recai sobre a tentativa de propor o trabalho com a produção de texto em sala de aula de línguas, seja a língua materna ou as línguas estrangeiras, tendo como ponto de partida a compreensão profunda dos enunciados.

A crença na possibilidade de sucesso dessa proposta advém do pressuposto bakhtiniano de que viver é participar do diálogo infinito que se trava nas relações sociais. Assim sendo, não se consente marginalizar os enunciados diante dessa proposta metodológica, nem tampouco emudecer os sujeitos que deles participam. Primeiro, porque sem enunciados não há produção de sentidos, e, segundo, porque não há enunciados (produção de sentidos) sem o encontro de consciências, de sujeitos, conforme bem enfatizado no pensamento bakhtiniano.

Este artigo tem como base os modos de fazer pesquisa em ciências humanas, posto que nos dá a possibilidade de exercer nosso ato responsável, nossas compreensões e interpretações sobre a agentividade da linguagem humana. Este modo de agir qualitativamente diante de nosso objeto de estudo colabora também para que, refratando a realidade, possamos atuar para transformá-la.

Nesse sentido, diante de um ensino de línguas ainda limitado a sistemas de regra (PONTARA; CRISTOVÃO, 2017), propomos um trabalho que objetiva promover o embate dialógico de posicionamentos, porque acreditamos ser de responsabilidade da escola construir espaços de interação onde os alunos consigam, de fato, se transformar em autores de suas enunciações, conforme defendem Gaffuri; Menegassi (2010). Para isso, selecionamos enunciados de gêneros discursivos e de pontos de vista distintos, retirados da internet, que tem como tema a discriminação racial contra pessoas da raça negra. O cotejo, portanto, se dá no encontro dessas vozes, para surgirem novas vozes.

**2 A utilização do cotejo na atividade de produção textual nas aulas de língua inglesa**

Diante da natureza social e ideológica da linguagem, compreendemos que as relações dialógicas que permeiam o seio social devem assumir status de presença constante no ensino de línguas. Para isso, é preciso, sobretudo, se pensar em formas de se tratar os enunciados que levamos para nossas salas de aula, para que não reproduzamos práticas que, tão somente, consideram os textos para análises de orações ou que dicionarizam os sentidos. Como bem já argumentado por Bakhtin (2015), o significado das palavras dicionarizadas não supre a emergência do comunicar-se, uma vez que elas, estando desintegradas do discurso, não entram em relação dialógica, na cadeia infinita dos enunciados.

Tanto as orações como as palavras, em seu sentido estático, para Bakhtin (2015), estariam no campo do repetível dos enunciados, são meios para realizar sentidos, mas não podem denotar o caráter multifacetado inerente à linguagem, à polissemia dos signos, conforme enfatiza o autor. Bakhtin (2015, p. 209) ainda acrescenta a este respeito que:

Não pode haver relações dialógicas tampouco entre os textos, vistos também sob uma perspectiva rigorosamente linguística. Qualquer confronto puramente lingüístico ou grupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais.

O pressuposto desse pensamento se realiza na idéia de que “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2015, p. 209). Dessa forma, compreende-se que as relações dialógicas de caráter extralingüístico não podem se dá fora do contexto em que elas ocorrem, sem contato com outros textos, outros pontos de vista convergentes ou divergentes.

Na obra *O método formal nos estudos lietrários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev (2016, p. 50) pontua que

Não há significado fora da relação social de compreensão, isto é, da união e da coordenação mútua das reações das pessoas diante de um signo dado. A comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo.

Para o Círculo, a palavra, entenda-se a linguagem (em suas diversas manifestações) reflete e refrata a história, as vivências das pessoas que a proferem, a partir de seus lugares de classe. É nesse sentido que a multiplicidade dos tons valorativos que ela adquire nas relações dialógicas, por meio dos enunciados, é impossível de ser abstraída, levando em conta apenas seus limites tipográficos, pensamento reiterado por Volóchinov (2017).

É nessa perspectiva que pensamos ser possível vislumbrar a sala de aula como espaço de interação, como lugar de construção de sentidos para as aulas de línguas. Essa premissa dá aos enunciados um lugar de destaque no ensino, uma vez que por meio deles é que podemos nos comunicar, é que se tornam significativas nossas relações com o outro, seja face-a-face, seja por meio da materialização dos enunciados em gêneros discursivos.

Portanto, viabilizar uma proposta que dê aos alunos a oportunidade de se comunicarem na língua-alvo tem sido nosso empenho neste trabalho. Todavia, não temos a pretensão de considerá-la como receita, haja vista sermos conhecedores da heterogeneidade dos contextos escolares. Contudo, cremos ser esta proposta um caminho metodológico profícuo para o professor que compreende a docência como ação política e ideológica, e que, por conseguinte, considera seu aluno como tal.

Mediante esse posicionamento, a perspectiva enunciativo-discursiva torna-se nosso plano de fundo para expor nossa proposta de ensino, tendo em vista que ela concebe a produção da linguagem como dialógica e ideológica, indissociada do contexto e dos sujeitos que enunciam. É dessa maneira que desenharemos a nossa sugestão, assumindo esta visão de linguagem e de sujeito.

**3 Discussão e resultados**

Todo e qualquer enunciado, de acordo com Bakhtin (2003) é composto por um tema, por um conteúdo e por uma estrutura composicional e vem materializado na forma de algum gênero discursivo, que são: a) variados, b) relativamente estáveis; c) endereçados; d) e dependentes de um contexto. Como já dito, utilizaremos esses enunciados como ponto de partida em nossa proposta, uma vez que compreendemos estar neles a possibilidade de os alunos e alunas conseguirem compreender e construir as ideologias que nos rodeiam.

Aqui entendemos a compreensão dos fatos da vida, das relações dialógicas como elementos cruciais para a efetiva e produtiva atividade de produção textual. Nesse sentido, colocar textos em diálogo é essencial para que estas atividades interdependentes aconteçam de forma exitosa. Porque, para haver produção, é preciso que haja compreensão, e, para que mostremos a compreensão, é preciso acontecer uma contrapalavra.

Desta forma, todo diálogo se desenvolve por meio de um tema, o qual pode ser considerado sob diversos pontos de vista, já que cada sujeito interpretante e produtor de sentidos é singular e social (VOLÓCHINOV, 2017). É neste fato que reside uma das premissas básicas do cotejo que aqui propomos.

É preciso enfatizar que está na compreensão/produção dos discursos o sentido que damos ao ensino de línguas. Dessa forma, as contrapalavras lidas e produzidas devem ser respeitadas, porém, é válido salientar que elas nem sempre podem ser acordadas. Dessa forma, a habilidade de mediação dos discursos pelo professor é um fator preponderante para o bom êxito desta atividade.

Assim, para ilustrar como esta experiência se daria, escolhemos de antemão um tema que, dentre muitos outros, poderia ser discutido em uma aula que prima por ser dialógica. Escolhemos, dessa forma, a temática discriminação racial, por ser uma discussão que, cada vez mais, vem merecendo a atenção de todos os setores da sociedade, haja vista, nos últimos anos, termos presenciado por meio das mídias a perpetuação de atitudes racistas, sejam camufladas ou escancaradamente expostas.

É válido ressaltar que os textos escolhidos para o cotejo podem vir materializados em qualquer modalidade ou gênero discursivo, vídeos, tiras, cenas de filmes, novelas, artigos de opinião impressos, entre outros; podem ser também uma mescla das línguas materna e alguma língua adicional em estudo. O importante é colocar o máximo de vozes possíveis para serem confrontadas, para que os alunos dialoguem com o máximo de argumentos possíveis, e a partir destes diálogos tenham a oportunidade e sintam-se encorajados a também externarem suas ideias

Nosso primeiro texto refere-se a um vídeo que suscitou algumas contrapalavras nas redes sociais e em sites como *You Tube*. Trata-se do discurso que a atriz Taís Araújo proferiu no mês de agosto de 2017 num evento chamado TEDxSãoPaulo. Nele, Taís, falando do seu lugar social de mãe, diz temer o modo como seu filho pode ser tratado apenas por ser negro, fazendo alusão à forma como os jovens negros são tratados pela sociedade brasileira. O trecho de sua palestra que mais chamou a atenção nessas contraplavras foi o seguinte: “[...] porque no Brasil, a cor do meu filho é a cor que faz com que as pessoas mudem de calçada, escondam suas bolsas e que blindem seus carros”.

Falando a partir de um lugar específico, a atriz, uma pessoa negra, vivendo em um país profundamente desigual e preconceituoso, consegue enxergar através das experiências próprias e de outras pessoas que também são negras, a violência simbólica do preconceito racial.

O ponto de vista de Taís foi contrapalavreado por vários discursos, em sua maioria, de ridicularização, com o propósito de minimizar e mascarar um problema que parece crônico no Brasil. Esse tipo de discurso foi circulado principalmente por meio de memes, gênero discursivo de fácil e rápido compartilhamento nas redes sociais, como também por meio de vídeos no *You Tube,* e manchetes de jornais, como a da Folha de S. Paulo, por exemplo. Para acesso, basta colocar algumas palavras-chave no *site* de busca *Google*, como (Taís Araújo, TEDx, memes, vídeos) e você terá acesso a esses e outros discursos relacionados ao acontecimento em destaque neste trabalho, ou também pode consultar os endereços dos vídeos citados aqui no final deste trabalho, na seção de referências.

Para servir de reflexão e discussão também para esse cotejamento o próximo texto é uma resposta ao discurso de Taís. O vídeo que foi publicado com o título “Taís Araújo e sua CONSCIÊNCIA NEGRA!!!”, no dia 20 de novembro de 2017, começa fazendo uma crítica à escolha de Zumbi como patrono desse dia, mas coloca em destaque o discurso da atriz por considerá-lo como “vitimismo, cinismo e hipocrisia”. Um dos trechos da fala desse jovem diz:

Taís Araújo pare com essas declarações que só afloram o ódio racial entre as pessoas. Pros negros que acreditam nessas suas mentiras, nessas suas baboseiras, só inflama neles o ressentimento, o desejo de vingança contra os brancos. Pros negros que sabem que aquilo que você está falando é mentira, aflora neles o sentimento de vergonha, de desapontamento. E pros brancos como eu (meu melhor amigo de infância era um negro) isso é um insulto. Você está insultando toda a população do seu país. É isso que você está fazendo.

Como evidente, o discurso desse sujeito desmente a existência do racismo em nosso país. Coloca a fala da atriz como uma história inventada. Para corroborar sua fala, o autor deste vídeo ainda traz discursos de pessoas negras nas redes sociais, bem como de pessoas negras famosas que acreditam que a discussão sobre o assunto não é necessária, tampouco relevante para suscitar nas pessoas o reconhecimento da desigualdade entre as raças. O jovem coloca, dentre estes, o discurso do ator norte americano Morgan Freeman em que este diz ser a superação do racismo possível por meio da meritocracia.

Somando-se a estes enunciados, que estão em português, vários outros, centenas de milhares, inclusive em língua inglesa entre outras línguas estraneiras são encontrados, exemplo disso são as notícias em grandes jornais internacionais, textos publicitários os mais diversos, textos literários, entre outras formas de discursos.

Nosso próximo enunciado refere-se a uma manchete e conseqüente notícia do canal de notícias BBC – Brasil, “Brazil's outrage over 'racist' evangelical politician” (“A indignação do Brasil com o político evangélico ‘racista’”, tradução nossa) a qualrelata a onda de protestos contra os comentários racistas e homofóbicos proferidos pelo deputado federal e pastor evangélico Marco Feliciano, do Partido Social Cristão. A notícia traz trechos de comentários do pastor e político que integra a presidência da Comissão de Direitos humanos e minorias:

Escrevendo no Twitter, Feliciano disse que "os africanos descendem de uma ancestralidade amaldiçoada por Noé". Ele também argumentou que "a maldição que Noé lançou sobre seu neto, Canaã, se espalhou pelo continente africano, daí a fome, pestilência, doenças, guerras étnicas!"

Em outro comentário, ele escreveu que “a podridão dos sentimentos homossexuais leva ao ódio, ao crime e à rejeição’". O deputado, contudo, contra todos os seus discursos, nega ser racista e homofóbico, diz inclusive que sua mãe é de matriz negra, argumento que muitas pessoas usam para justificar ou negar atitudes como as do deputado.

Outros enunciados são possíveis de serem trazidos para essa proposta; porém é importante salientar que depende do número de aulas, dos gêneros que se escolhe, da dinâmica do professor, entre outros fatores, é necessário ter como objetivo a experiência dos alunos e alunas sobre o tema. Considerando nosso espaço, nos limitaremos a estes exemplos devido à brevidade de páginas a que este trabalho responde.

Levar esses enunciados para a sala de aula, discuti-los junto com as alunas e alunos, para ajudá-los a interpretar os discursos não explícitos, as ideologias que disseminam o ódio, que excluem, que violentam, é dar-lhes a oportunidade de encarar as realidades de modo mais crítico, e, por conseguinte, tomarem posse de sua existência, de seu agir no mundo.

Suscitar, por sua vez, que eles digam suas contrapalavras é promover o diálogo dos mais variados pontos de vista. Nesta proposta, esta produção de dizeres (entenda-se produção de texto) pode ser construída a todo tempo, utilizando-se das várias modalidades textuais e de gêneros discursivos, assim como sugerimos também para os enunciados estimuladores de discussão.

De acordo com Bessa et al. (2017), é preciso escutar as vozes; é preciso compreendê-las profundamente; compreender os não ditos... em sala de aula e na vida. Esta é uma lição que a escola tem devido aos seus alunos e que aqui nos propomos, não como uma receita, porque os contextos e os sujeitos participantes deles são singulares, mas como uma das formas de se pensar a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de agir para transformar suas realidades.

Entendemos a construção dos enunciados já como uma forma de ação no mundo. Nesse sentido, sugerimos que o professor ou professora planeje: a) que tema seria mais pertinente para o contexto da escola ou mesmo daquela sala de aula em específico; b) lance o referido tema para se trabalhar; seja durante algumas semanas ou dependendo do desenvolvimento e engajamento da turma, por até um mês; c) crie um arquivo com textos pré-selecionados; d) Escolha textos para ler e analisar os discursos neles propagados; e) procure escutar, compreender e respeitar a opinião de cada um; f) oportunize o maior número de enunciados possível; g) proponha a produção de variados gêneros discursivos.

A produção desses enunciados não precisa acontecer, necessariamente, após o término de todos os textos selecionados para determinado número de aulas. É preciso considerar os questionamentos e manifestações de opiniões como produção de texto, de sentido. Entretanto, sabemos que existem produções que demandam uma elaboração bem mais planejada, como, por exemplo, artigos de opinião, resenhas críticas, entre outras formas de discurso que precisam ser ensinadas, como defendido por Pasquier; Dolz, 1996.

A escola precisa ouvir seus alunos para que possa enxergar suas necessidades, suas fragilidades, suas potencialidades. Propor, portanto, atividades de produção de textos genuinamente dialógicas, galgadas na escuta e no respeito a opinião divergente é um caminho para formarmos, não somente cidadãos mais críticos, mas também uma sociedade com atitudes mais democráticas.

**Conclusões**

Dizer que não existem receitas que instruam o fazer pedagógico em sala de aula passa pela compreensão de que o professor lida com realidades singulares e heterogêneas. Ele precisa, a partir dos múltiplos saberes inerentes ao saber profissional e ao de sua experiência prática (TARDIF, 2002), tomar as rédeas de sua ação docente, num constante diálogo de construção e reconstrução de seu fazer pedagógico, por meio das interações com o avanço, com o desenvolvimento das sociedades e, consequentemente, com as pesquisas que interessam a sua prática.

No campo dos estudos da linguagem, o desenvolvimento da produção de sentidos por meio da compreensão e produção de textos é uma área que merece bastante atenção por parte dos professores, haja vista ser através da construção dos sentidos que os alunos e alunas podem, verdadeiramente, inserirem-se nessa sociedade multiletradatrada. Esse trabalho exige, cada vez mais, um olhar dialógico e crítico, sobretudo, porque sabemos que é por meio da linguagem que as relações entre as pessoas são mediadas; que estas relações podem ser de poder, mas também de subordinação e dominação, dado seu caráter genuinamente ideológico (VOLÓCHINOV, 2017), e, por esta característica, ela é usada para interesses diversos.

É necessário, portanto, que os(as) nosso(as) alunos(as) tenham a oportunidade de, em sala de aula, refletirem sobre os enunciados que nos circundam, que nos constituem e percebam a sociedade de sentidos multifacetados em que vivem. É preciso encorajá-los a dizerem suas palavras, a significarem e a lutarem contra qualquer força que propague o emudecimento das vozes. Para isso, é importante que a sala de aula seja concebida como espaço de interação, lugar em que sujeito fala, e, por conseguinte, é autor e co-construtor de seu processo de aprender e de agir no mundo.

**Referências**

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Raízes do ensino comunicativo de línguas. *Helb*: histórias do ensino de línguas no brasil. Sem paginação. Ano 3, n. 3, 2009. ISSN 1981 6677. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-3-no-3-12009/113-raizes-do-ensino-comunicativo-de-linguas>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

ANDREIS, A. M. Cotejo e confroencontro. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras*: entendendo o cotejo como proposta metodológica. Cadernos de Estudos IX para Iniciantes. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017, p. 11-16.

BAKHTIN, M. [1895-1975]. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed., São Paulo, Martins Fontes. 2003.

BESSA, J. C. R. et al. 2017. Cotejo como proposta metodológica para o trabalho com o texto na sala de aula. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe – UFSCar. *Palavras e contrapalavras*: entendendo o cotejo como proposta metodológica. São Carlos/SP. Pedro e João Editores, 2017, p. 148-163.

CUNHA, A. G. da. A língua estrangeira no ambiente escolar. In: CUNHA, A.G. da.; MICCOLI, L. (Orgs.). *Faça a diferença*: ensinar línguas estrangeiras na educação básica. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 70-78.

FELLET, J. Brazil's outrage over 'racist' evangelical politician. 2013. *BBC News.* <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-22005901>>. Disponível em: Acesso em: 16 jun. 2018.

GAFFURI, P.; MENEGASSI, R. J. Processos reflexivos, responsivos e dialógicos na reescrita de textos. *Todas as letras*, v.12, n. 2, p. 108-116, 2010.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos lingüísticos. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe – UFSCar. *Palavras e contrapalavras* – enfrentando questões de metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheyla Camargo Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOURA, N. *Taís Araújo e sua consciência negra*. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eokS3qiCijM>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. Um decálogo para ensinar a escrever. *Cultura y Educación,* 2: 31-41. Madrid: Infância y aprendizaje. Tradução de R. H. R. Rojo. Circulação restrita, 1996.

PONTARA, C. L. Gramática/análise linguística no ensino de inglês (língua estrangeira) por meio de sequência didática: uma análise parcial. *DELTA*, v. 33, n. 3, P. 873-909, 2017.

SZUNDY, P. T. C. Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin. *Trabalhos em lingüística aplicada*, Campinas, v. 53, n. 1, p 13-32, 2014.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEDX. Como criar crianças doces num país ácido | Taís Araújo | TEDxSaoPaulo. 2017. *TEDx Talks*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H2Io3y98FV4>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. – São Paulo: Editora 34, 2017.

1. Década marco de discussões sobre o ensino comunicativo no Brasil (ALMEIDA FILHO, 2009). Propostas com esta características podemos encontrar na coletânea organizada por Laura Miccoli e Alex da Cunha em que, dentre muitas propostas, sugerem, tão somente, como atividades comunicativas, exercícios do tipo: *elaborar cartaz com expressões de uso do dia a dia* em sala de aula, utilizar-se de frases para apresentar tempo verbal etc (CUNHA, 2016). [↑](#footnote-ref-2)